Vencendo a Guerra da Reconstrução de Nações

Sargento George E. Anderson III, Guarda Nacional do Exército dos EUA

ENQUANTO eu me encontrava em Samac, na Bósnia, um Assistente-Secretário de Defesa visitou a minha unidade − Pelotão A do 1º Esquadrão do 104º Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional do Exército na Pensilvânia (*A Troop, 1st Squadron, 104th Cavalry, Pennsylvania Army National Guard*). Uma das coisas que ele disse foi: "Temos melhorado bastante a nossa habilidade de matar pessoas." Pensando bem, isso não foi nenhum exagero. Como descobriu Saddam Hussein, os EUA podem chegar a qualquer parte do mundo com verdadeiro poder. Infelizmente, não parecem ser tão adeptos com a Reconstrução de Nações (*nationbuilding*).

Construir é bem mais difícil do que destruir. As operações de Reconstrução de Nações podem ser longas, complexas e caras. A missão da América na Bósnia tem durado vários anos e nenhum oficial americano até agora mencionou quando terminará. As forças estadunidenses também ainda se encontram no Afeganistão e as forças americanas no Iraque têm sofrido mais baixas a partir do final das principais operações militares do que durante o início delas.

Como veterano da Guerra do Vietnã, eu duvido que os EUA tenham a capacidade financeira ou a vontade política de ocupar grandes partes do mundo por indeterminados períodos de tempo. No entanto, os custos em potencial de não se engajar na Reconstrução de Nações podem ser inimagináveis. Como poderíamos encurtar o compromisso, reduzindo o custo relacionado com a Reconstrução de Nações? Como poderá o militar dos EUA ser tão eficiente na Reconstrução de Nações quanto o é em matar pessoas? A resposta está em ter os meios apropriados, o pessoal certo e os processos adequados para esse trabalho.

O Processo Apropriado

Antes da II GM, os alemães reorganizaram o seu exército de maneira inovadora, mudando assim a natureza da guerra. A *blitzkrieg* foi altamente eficiente e eficaz. Hoje, existe pouca dúvida de que o Exército dos EUA tem a estrutura e os processos no lugar para a vitória em qualquer conflito convencional. Todavia, quando a questão está menos relacionada ao poder destrutivo e mais relacionada à a conquista de corações e mentes, está o Exército organizado e tem o pessoal necessário para vencer de maneira eficaz e eficiente? A avaliação feita por muitos daqueles críticos das numerosas operações de manutenção de paz através do mundo é que a resposta a essa pergunta é negativa.

O papel do militar na manutenção da paz é de manter um ambiente seguro e desimpedido. Não se espera mais que isso. A Reconstrução de Nações é considerada um assunto diplomático distinto e aparte. Dada a atual estrutura e a política para completar os efetivos da força militar, esta parece ser uma divisão racional de responsabilidades.

Infelizmente, como disse uma vez o ex-deputado do Congresso dos EUA, Thomas P. (Tip) O'Neil, "Toda política é local!" A maioria das interações humanas durante a Reconstrução de Nações ocorre entre os membros das Forças Armadas e a comunidade local. Poucos iraquianos conhecem o administrador da Autoridade Provisória da Coalizão (*Coalition Provisional Authority*) L. Paul Bremer, mas muitos têm tido interação com soldados americanos. As inúmeras interações que os iraquianos têm com as Forças Armadas dos EUA criam impressões duradouras a respeito dos americanos e estas apóiam ou prejudicam os seus esforços.

O principal objetivo da Reconstrução de Nações é estabelecer um país que se auto-sustente e que seja nosso amigo e aliado. Para isso, o militar dos EUA deve usar de todos os seus recursos com eficiência. Os EUA devem estruturar, guarnecer e empregar as forças para assegurar a paz e aperfeiçoar a Reconstrução de Nações por meio de interações com a população civil. Os soldados devem fazer mais que manter a paz; devem se envolver com a Reconstrução de Nações.

Foto do autor

Durante a Operação da Força de Estabilização 12, a unidade Apache 12 patrulhou a cidade de Samac, na Bósnia. Prinicpalmente sérvia, Samac tinha a reputação de ser anti-americana.

Para cima e não para baixo. A linha de produção da Ford e a estrutura de comando rígida descendente do Exército são bons exemplos da abordagem descendente com relação ao gerenciamento que dominava nos finais do século XIX e durante todo o século XX. Todas as ações administrativas, até mesmo os mais elementares movimentos da força trabalhista, eram controladas de cima. Nas operações de combate, este tipo de filosofia administrativa tem provado ser muito eficaz.

Infelizmente, o sistema descendente não tem se saído tão bem no que se refere à Reconstrução de Nações. O gerenciamento descendente encoraja o exagero de boas notícias e minimiza as ruins. Quando essa tendência ocorre entre várias camadas de comando, é pouco provável que o QG superior compreenda o que é importante em qualquer intercâmbio entre quem trabalha na Reconstrução de Nações e um civil.

A história da Guerra do Vietnã provê um exemplo da falha da estrutura de comando descendente. O comando decidiu que a construção de escolas locais seria algo bom do ponto de vista humanitário. Forças militares foram até os vilarejos locais e construíram escolas. Foram conduzidas cerimônias para comemorar o avanço maravilhoso que as novas escolas representavam. Foram tiradas fotografias. Foram feitos discursos. Os oficiais se congratulavam. Pouco tempo depois, os vietnamitas destruíram as escolas.

A decisão de construir as escolas foi uma decisão descendente. Ninguém perguntou aos moradores o que pensavam a respeito. Não foram incluídos nas decisões nem na construção. Como resultado, os moradores viam as escolas não como um benefício, mas como uma ferramenta de repressão.

Durante o meu período de serviço na Bósnia, a minha unidade conheceu um senhor idoso que nos pediu ajuda. Fomos até a sua casa onde ele nos mostrou um buraco de quase dois metros de profundidade no seu quintal, que acreditava ser uma sepultura. Ele pediu ajuda no sentido de uma investigação que levasse à identificação do corpo para trazer conforto à família do falecido.

Prometi ver se podia ajudar e informei a situação aos meus superiores, pela cadeia de comando. Eu reportei a situação quatro vezes, mas não pude descobrir nada que ajudasse o morador. Os meus superiores nada fizeram nem me permitiram fazer nada; não era uma prioridade. Nada mais fizemos senão nos sujeitarmos a uma situação vergonhosa.

O morador me culpou pessoalmente? Não, mas concluiu que os americanos tinham pouco interesse com os seus problemas. Os EUA perderam uma oportunidade para fazer uma amizade e para encurtar a nossa estadia na Bósnia.

Sucesso ascendente. A coleta de armas é um evento semi-anual na Bósnia durante o qual a Força de Estabilização (*Stabilization Force – SFOR*) tenta remover armas de calibre militar dentre a população civil. Diferentes unidades abordam a situação de maneiras diferentes. A minha tomou uma atitude positiva e de apoio. As autoridades locais estavam no comando. Nós os apoiaríamos. Eles marcaram as datas e os locais para as ações e coordenaram o esforço. Nós não ameaçamos nem intimidamos a população civil e por meio dessa tática conseguimos reaver várias armas anticarro; centenas de armas automáticas, granadas de mão e granadas lançadas por foguete; e centenas de milhares de projéteis de munição.

Outros contingentes da *SFOR* adotaram uma tática descendente. Com uma mínima coordenação junto às autoridades civis, os soldados fizeram buscas em casas locais com ou sem o consentimento dos donos. Uma unidade que havia adotado essa atitude agressiva conseguiu recuperar apenas uma pistola velha e uma granada de mão, depois de várias semanas de trabalho. As habilidades necessárias para conduzir uma operação militar bem-sucedida não são as mesmas requeridas para a Reconstrução de Nações.

O pequeno martelo. Quando a minha unidade chegou à Bósnia, a fim de aprendermos a missão, ficamos duas

Foto do autor

A unidade Apache 12-B, perto de um campo minado nas proximidades de Samac. Dez anos depois da guerra, as zonas de perigo foram cuidadosamente identificadas e fáceis de evitar. Infelizmente, o verdadeiro trabalho de entender o povo local não foi tão fácil.

semanas com a unidade que estávamos por substituir. O meu antecessor disse que me apresentaria ao prefeito da cidade da nossa área de responsabilidade. Ele disse que o prefeito era um homem difícil, que evitava as reuniões, não gostava de americanos e apenas tolerava a nossa presença. Quando chegamos à prefeitura, uma secretária nos informou que o prefeito estava em uma reunião e não poderia nos atender. O meu antecessor gritou, "Eu sou da Força de Estabilização! O prefeito nos atenderá agora!" Então subimos com alvoroço pelas escadas e entramos à força na reunião do prefeito. Eu não falo a língua local, mas pude perceber que o prefeito não ficou nada contente com essa intromissão. O problema do meu antecessor não era a antipatia do prefeito por americanos em geral, mas por um em particular. Porém, o meu antecessor executou a sua missão na maneira pela qual havia sido preparado para fazê-lo. A sua única responsabilidade era de manter um ambiente seguro e desimpedido. Infelizmente, ele agiu mais como um conquistador do que alguém trabalhando na Reconstrução de Nações.

Poucas semanas depois, eu voltei à prefeitura e pedi para ver o prefeito conforme a sua conveniência. Certifiquei-me de estar presente quando ele estivesse disposto a me ver. Fiz isso porque era educado fazê-lo e também porque a minha unidade teria mais segurança e seria mais eficaz tendo o prefeito como um aliado, ao invés de tê-lo como um adversário. Com o passar do tempo, o prefeito e eu fomos capazes de desenvolver um bom trabalho em conjunto. Ele de fato nada tinha contra americanos. Queria apenas ser tratado com o respeito que merecia como prefeito da cidade. As boas maneiras funcionam muito bem em qualquer cultura.

Uma tarefa de treinamento pouco comum. As habilidades necessárias para a eficácia dos que trabalham na Reconstrução de Nações, ainda não mencionadas nos manuais de treinamento de tarefas comuns, estão em duas categorias: habilidades pessoais de comunicação e conhecimento específico sobre a área de operações. Falar o idioma local é fundamental para poder se comunicar. O uso de intérpretes é um pobre substituto para a comunicação direta. Falar fluentemente o idioma confere um prestígio muito além da simples comunicação e é o primeiro passo importante para adquirir a confiança. As habilidades de comunicação podem ser aprendidas. A indústria de vendas tem desenvolvido inúmeros modelos de comunicação que podem ser facilmente adaptados à comunicação durante a Reconstrução de Nações. Afinal de contas, os EUA estão tentando "vender" algumas das suas crenças mais básicas.

O Componente da Reserva contém um grande volume de habilidades civis não catalogadas. Ser um arquiteto tem pouca aplicação durante operações de combate, mas essa mesma habilidade teria grande utilidade na Reconstrução de Nações. O Exército deveria catalogar e credenciar habilidades civis para usá-las quando fosse apropriado.

O famoso show da Broadway, O Músico (*The Music Man*), começa com a canção "Você tem que conhecer o território" (*You gotta know the territory).* Conhecer o território é vital e inclui mais que apenas compreender a geografia; inclui apreciar de que maneira os habitantes locais se consideram como um grupo.

Raros indivíduos acordam de manhã cedo dizendo: "minha cultura e eu somos insignificantes e imprestáveis". As pessoas precisam ter auto-respeito, especialmente durante épocas incertas. Todo grupo tem algum tipo de realização da qual tem orgulho. A maneira de apoiar a Reconstrução de Nações é respeitar, apreciar e reconhecer as contribuições históricas do povo local. O conhecimento específico da área de operações deve incluir conhecer os costumes locais; sua história cultural e política, bem como a situação política atual.

Compreender a situação atual inclui compreender o povo. Quem são os principais atores locais que moldam a opinião — os empregadores, as igrejas, o chefe do sistema de educação local? Quem está encarregado dos serviços públicos essenciais, da polícia, das companhias de seguro? Quem controla a mídia? Onde moram? O que estão tentando almejar profissionalmente e pessoalmente? Toda política é local. A descoberta e o eficaz gerenciamento de tal informação são vitais para a Reconstrução de Nações.

O meu antecessor na Bósnia agiu da maneira como foi ensinado. O livro de transição que ele providenciou continha fotografias de locais importantes, da prefeitura, da estação de

polícia e de igrejas e mesquitas locais. Infelizmente, nada continha a respeito dos moradores. Em menos de uma semana, eu sabia onde estavam todos os edifícios. Seis meses mais tarde, eu ainda estava aprendendo sobre os moradores. Um homem havia acabado de perder a sua esposa após estar casado com ela trinta anos. Outro escrevia poesia. Um indivíduo gostava de chocolate. Ainda outro ameaçava seus vizinhos. Um eficiente trabalhador na Reconstrução de Nações deve entender as pessoas e identificar-se com elas, não com os edifícios. O livro de transição que demos aos nossos sucessores continha 20% de informação sobre os locais e 80% sobre as pessoas. O livro deu aos nossos sucessores uma verdadeira fonte sobre como lidar com o povo. Infelizmente, acredito que fomos a exceção e não a regra.

O Exército deveria desenvolver as atuais unidades de assuntos civis para que se tornem unidades altamente eficientes e eficazes na Reconstrução de Nações, treinando os peritos existentes para missões específicas às regiões, incluindo o aprendizado do idioma, dos costumes, da cultura e da história bem como informações sobre os indivíduos de maior influência na área. Essas unidades seriam diferentes das atuais unidades de assuntos civis em diversas maneiras. Não seriam unidades da Reconstrução de Nações; seriam unidades novas com designação e uniformes singulares, demonstrando ao mundo que os EUA fizeram a transição de serem combatentes para se dedicarem à Reconstrução de Nações.

Ao contrário de unidades de assuntos civis atuais, que provêm perícia técnica, os que trabalhem na Reconstrução de Nações no futuro prestarão apoio e orientação. Os soldados precisam saber como destruir os alvos. Os reconstrutores precisam saber como criar boas impressões e construir relacionamentos formidáveis. Eles são em parte diplomatas e em parte soldados. Queremos que os que trabalhem na primeira linha da Reconstrução de Nações sejam inteligentes, educados e capazes de avaliar situações e tomar decisões independentes, dentro das regras gerais determinadas pelo comando superior. Queremos que os nossos construtores de nações sejam abertos, acessíveis e de fácil relacionamento com a população local. Queremos que compreendam e se preocupem com o povo da região e que dialoguem primeiro, valendo-se da força apenas como última opção.

Mas *não* queremos que os nossos soldados tenham essas mesmas qualidades. O soldado americano deve representar a ira de Deus, capaz de levar a morte e a destruição onde quer que seja e a qualquer momento. Que o reconstrutor de nações seja "o bonzinho" e o soldado "o malvado". Tentar manter as mesmas pessoas nos mesmos uniformes executando ambas as funções confunde a todos.

Devemos dedicar mais instrução a estudos culturais e a técnicas de comunicação. Devemos recrutar o tipo de indivíduos que queremos e retê-los. Ao final das operações de combate, as unidades da Reconstrução de Nações seriam desdobradas no país em questão, para assumirem a primeira linha de responsabilidade. As unidades de combate seriam mantidas em reserva durante um período de tempo em caso de alguma emergência.

À medida que a nação fosse reconstruída, a natureza e o tamanho das forças de combate em reserva poderiam ser alterados, sem uma mudança perceptível no nível de engajamento. Finalmente, conforme amadurecessem os esforços, os reconstrutores poderiam transferir, paulatinamente, o controle às autoridades locais.

Os Benefícios

Uma estrutura de comando ascendente com um pessoal de Reconstrução de Nações adequadamente preparado para ativar proativamente, traria os seguintes benefícios:

- Melhoraria a imagem dos EUA no país.
- Aumentaria a eficiência dos esforços diplomáticos e a segurança das tropas.
- Diminuiria os custos das operações e da formação das unidades.
- Reduziria o tempo do engajamento.
- Melhoraria a prontidão das forças convencionais.

A história está cheia de exemplos de países que venceram a guerra convencional, mas que perderam a da Reconstrução de Nações. No Vietnã, aprendemos que não se conquista os corações e mentes das pessoas sendo agressivo. Infelizmente, ainda temos que aprender a maneira mais eficiente de conquistá-los.

O efeito da Reconstrução de Nações sobre um país pode ser profundo e mais duradouro do que o alcançado apenas com esforços diplomáticos. Uma força devidamente adestrada na Reconstrução de Nações não consegue suplantar os esforços diplomáticos tradicionais, mas pode, em muito, aprimorá-los. ***MR***

O Sargento George E. Anderson III está com a 56ª Brigada da 6ª Equipe de Combate de Brigada Stryker *da Guarda Nacional do Exército do Estado da Pensilvânia. Ele chefia o Departamento Comercial da* Valley Forge Military College, *em Wayne, Pensilvânia. É Bacharel pela* The Citadel *e pela* Military College of South Carolina *e Mestre pela* University of Southern California.